

## **AMÉRICO, Pedro**

\*pintor; const. 1891; dep. fed. PB 1891-1893.

*Pedro Américo de Figueiredo e Melo* nasceu em Areias (PB) no dia 23 de abril de 1843, filho de Daniel Eduardo de Figueiredo Melo e de Feliciano Cirne de Figueiredo.

Em 1851, a convite do então presidente da província da Paraíba Antônio Coelho de Sá Albuquerque (1851-1853), o naturalista francês Louis-Jacques Brunet chefiou uma expedição que objetivava explorar e retratar a geografia, a fauna e a flora da província. No ano seguinte, ao chegarem à cidade de Areias, Brunet e o alemão Bindseil, desenhista da expedição, conheceram Pedro Américo, então com nove anos, reconheceram seu talento para o desenho e o convidaram para integrar a comitiva que por cerca de 20 meses percorreu toda a Paraíba e parte de Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte e Piauí.

Em 1854, depois dessa experiência e com a ajuda do presidente da província, Pedro Américo mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro, então capital do Império, onde ingressou na Academia Imperial de Belas Artes e no Colégio Pedro II para dar prosseguimento a seus estudos. Segundo Lilia Moritz Schwartz, “o imperador conheceu Pedro Américo quando este era aluno do Colégio Pedro II e pintava às escondidas um quadro seu”. Depois desse encontro, o imperador tornou-se seu protetor. Durante os anos em que esteve na Academia, Pedro Américo produziu estudos e desenhos, destacando-se uma série de pinturas religiosas pedidas pelo bispo Félix Maria. Nesse período, até o ano de 1857, conquistou 15 medalhas de ouro e de prata, além de diplomas e premiações.

Em 1859 foi para a França, financiado pelo governo imperial. Seu financiamento foi obtido graças ao imperador Pedro II, já que naquele ano não houve o tradicional prêmio de viagem à Europa destinado aos melhores alunos da Academia de Belas Artes. Matriculou-se na Escola de Belas Artes de Paris, no Instituto de Física e na Faculdade de Ciências da Sorbonne. Estudou com Claude Bernard, Despretz, Saint-Claire Deville, Leon Cogniet, Horace Handrin, Horace Vernet e Jean Dominique Ingres, e durante esses estudos aproximou as reflexões sobre a arte com a ciência, marca constante em suas pinturas e

textos. Na Escola de Belas Artes de Paris, foi agraciado com o Prêmio de Primeira Classe, e na Sorbonne recebeu o diploma de doutor em ciências naturais. Ainda durante sua estada na Europa, viajou pela Inglaterra, Bélgica e Itália.

Retornou ao Brasil em 1864 e tornou-se professor, por concurso, da cadeira de desenho da Academia Imperial de Belas Artes. Segundo Ronaldo Vainfas, “lecionou por pouco tempo, granjeando inimigos na Corte e o desafeto do próprio imperador, que reprovava sua tela *A carioca*, de 1864, por julgá-la licenciosa”. Retornou à Europa em 1865 e aí aprofundou seus estudos artísticos e filosóficos. Em 1866 viajou à Argélia, influenciado pelo exotismo que marcava as artes francesas, e em 1869 doutorou-se em ciências na Universidade de Bruxelas, onde defendeu tese sobre a liberdade do método e do espírito de sistema no estudo da natureza, intitulada *La science et les systèmes: questions d’histoire et de philosophie*. Em 1869 casou-se com Carlota de Araújo Porto-Alegre, filha de Araújo Porto-Alegre, o barão de Santo Ângelo, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ex-diretor da Academia Imperial de Belas Artes e cônsul do Brasil em Portugal.

Em 1870 voltou ao Brasil, assumiu a cadeira de estética na Academia Imperial de Belas Artes e iniciou uma fase célebre em sua carreira. Destacam-se nesse período as obras *Batalha do campo* (1871), *D. Pedro na abertura da Assembleia Geral* (1872) e *Batalha do Avaí* (1877). Este último quadro foi pintado em Florença, na Itália, e contou com o apoio da municipalidade local, que destinou uma biblioteca para a execução da obra. Sua apresentação contou com a presença do imperador Pedro II e recebeu grande destaque na imprensa europeia. Quando o quadro chegou ao Brasil e foi aberto à exposição, Pedro Américo foi acusado de plagiar o quadro de Gustave Doré, *Batalha de Monte Belo*. Segundo Ronaldo Vainfas, “Américo não assinou o quadro e, para refutar as críticas, publicou, em francês, o *Discurso sobre o plágio na literatura e na arte*, no ano de 1880”. Apesar de toda a controvérsia, a exposição teve grande público e a renda foi doada aos órfãos do Rio de Janeiro e aos flagelados da seca nordestina de 1877.

Entre os anos de 1878 e 1885 morou na Itália, onde produziu *David e Abzag* (1879), *Judite e Olofernes* (1880), uma nova versão da obra *A carioca* (1882), *Joanna d’Arc* (1883) e

*Moisés e Jocabed* (1884). Em 1885, de volta ao Rio de Janeiro, retomou seu cargo de professor da Academia Imperial de Belas Artes, mas dois anos depois voltou à Itália. Ali pintou a famosa obra *Independência ou morte* (1888), sob encomenda do governo de São Paulo, retratando o grito do Ipiranga de Pedro I.

Depois que o marechal Deodoro da Fonseca, sustentado por setores do Exército e por civis, depôs o gabinete de ministros do Império, chefiado pelo visconde de Ouro Preto, e instalou o regime republicano em 15 de novembro de 1889, foi eleito deputado federal constituinte pelo estado da Paraíba. Assumiu sua cadeira em 15 de novembro de 1890, quando foi instalada a Assembleia Nacional Constituinte no Rio de Janeiro, agora Distrito Federal, e depois de promulgada a nova Carta constitucional, em 24 de fevereiro de 1891, passou a cumprir em junho seguinte o mandato ordinário na Câmara dos Deputados até dezembro de 1893. Em agosto de 1891, assinou a proposta de emenda à Constituição que daria uma pensão ao ex-imperador Pedro II, que foi rejeitada pelo antigo monarca.

Em 1893 produziu uma de suas obras mais famosas, *Tiradentes esquartejado*, considerada uma alegoria à jovem República.

Foi condecorado como grão cavaleiro da Ordem Romana do Santo Sepulcro, cavaleiro da Ordem da Coroa da Alemanha e dignitário da Ordem da Rosa do Brasil.

Faleceu em Florença no dia 7 de outubro de 1905. Seus despojos foram trasladados para o Brasil e sepultados no cemitério de Areias, sua cidade natal. Seu irmão Aurélio de Figueiredo também foi pintor de grande prestígio.

Publicou *La réforme de l'Académie des Beaux-Arts de Paris* (1862), *A luz zodiacal* (1869), *Memória sobre a conjugação da espirogira quinina* (1896), *Discursos na Academia de Belas-Artes do Rio de Janeiro* (1882), *O holocausto* (1882), *Amor de esposo* (1882), *Estudos filosóficos sobre as belas-artes na antiguidade* (1882), *De l'enseignement libre des sciences naturelles* (1882), *O brado do Ipiranga* (1888), *O plágio* (1890), *Discursos parlamentares* (1892), *Curso de estética, professado na Academia de Belas-Artes do Rio de Janeiro*, *O foragido* (1900), *Na cidade eterna* (1901).

*Raimundo Helio Lopes*

FONTES:

ABRANCHES, J. *Governos*; ACAD. PARAIBANA LETRAS. Disponível em: <[www.aplpb.com.br](http://www.aplpb.com.br)>. Acesso em: 26/1/2011; AYÁLA, W. *Dicionário*;  
CARVALHO, J. *D. Pedro II*; Dicionario das artes visuais na Paraíba. Disponível em: <<http://www.artesvisuaisparaiba.com.br/histxix.php>>. Acesso em: 26/1/2011;  
REIS JÚNIOR, J. *História*; SCHWARCZ, L. *Barbas* ; VAINFAS, R. *Dicionário*.